

A TRAJETÓRIA DE ALGUMAS MULHERES PIONEIRAS NA MEDICINA EM MONTES CLAROS, MG – RESULTADOS PARCIAIS DE PESQUISA

Autores: VICTÓRIA SPÍNOLA, MARIANA RIBEIRO CAVALCANTE, VERA LUCIA MENDES TRABOLD, REGINA CELIA LIMA CALEIRO, MARISE FAGUNDES SILVEIRA, MARIA IVANILDE PEREIRA

Introdução

Conforme Machado (1997, p. 15), a medicina é uma profissão singular, com “sólido conhecimento. Dotada de princípios éticos e morais, [uma] atividade [que] estabelece singular relação com o consumidor (paciente) de seus serviços que requer confiança, sigilo e credibilidade”. A revolução tecnológica do final do século XX provocou alterações expressivas tanto nos saberes como nas práticas da profissão médica, dentre as quais se encontra a “feminização” da profissão, alterando a estrutura sócia demográfica da profissão (Machado, 1997, p. 27) que, por muito tempo, teve uma maioria de profissionais masculinos. Nesse sentido, buscou-se investigar como se deu o percurso de algumas mulheres pioneiras que escolheram a profissão médica na cidade de Montes Claros, MG.

Material e métodos

Trata-se de uma pesquisa quanti-quali, enfocando-se aqui a parte qualitativa da mesma. Utilizando a entrevista semiestruturada, buscou-se compreender o percurso acadêmico e profissional de algumas mulheres pioneiras que escolheram a profissão médica na cidade de Montes Claros, MG. Foram entrevistadas quatro médicas, formadas entre os anos de 1962 e 1985. As entrevistas transcritas constituíram o corpus a ser analisado e interpretado à luz da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2009), definida como conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 2009). Trabalhou-se a análise categorial envolvendo três etapas conforme Bardin: a pré-análise, através de leitura flutuante; 2) a exploração do material com o objetivo identificar as unidades de registro e categorias advindas de assuntos semelhantes, regularidades discursivas e abordagens similares pelos entrevistados e, 3) o tratamento dos resultados e interpretação, apresentados aqui através de *algumas das categorias* que emergiram dos textos: a escolha da profissão de médica numa sociedade patriarcal com elitização da origem médica; a feminização na medicina em Montes Claros e as dificuldades na trajetória profissional para conciliar o “ser mulher” e o “ser médica”. O protocolo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, pelo parecer no 1.501.700/2016, conforme as normas estabelecidas pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. As entrevistadas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados e discussão

A idade das quatro profissionais entrevistadas em 2016 eram, respectivamente, 82,65,63 e 57 anos, denominadas aqui como E1, E2, E3 e E4. O ano de ingresso no curso médico foi: 1957(E1); 1972 (E2); 1973 (E3) e 1980 (E4). Ou seja, uma na década de 50, duas na década de 70 e uma na década de 80, sendo que E1 graduou-se na UFMG em Belo Horizonte; E2 na FAMED em Montes Claros; E3 na UFMG em Belo Horizonte e E4 na FAMED em Montes Claros.

1. A pesquisa contou com uma bolsa de iniciação científica mantida pela FAPEMIG em 2016. 2. A Faculdade de Medicina do Norte de Minas – FAMED em Montes Claros, MG, foi fundada em 1962. Em 1969, no primeiro de abril de 1969, a FAMED iniciou suas atividades. Quando foi inaugurada o curso médico em Montes Claros, do total de 10 alunos matriculados, havia duas mulheres: Maria Chistina Peres Amaral e Maria Milena Narciso Cruz (Maia & Cordeiro, 2002).

A escolha da profissão de médica numa sociedade patriarcal com elitização da origem médica

As entrevistadas, cada uma a sua maneira, apontam que a escolha da profissão de médica se deu por uma escolha pessoal, que se traduz para algumas como destino: “ [foi uma] questão de destino, de querer ser médica [...]. Papai ficou muito entusiasmado, ele queria que eu fizesse direito, mas eu falei não, eu quero fazer medicina, eu vou fazer medicina (E1); “Eu costumo dizer que eu não escolhi ser médica. A Medicina que me escolheu [...] (E2). “Na verdade, eu escolhi ser parteira, vamos dizer assim. E para fazer um curso, na época, era só medicina. Então para ser obstetra, eu tinha que fazer medicina” (E3); “É difícil a gente falar quando foi que eu escolhi. Porque eu admirava o trabalho do médico quando via em filmes ou algo assim, mas pensava que era um sonho longe, que eu achei que eu nem ia alcançar não” (E4).

Como aponta Starr (1991 *apud* MACHADO, 1997, p.35) para se graduar em medicina no passado, era preciso “ter lastro social – estar ligado à terra dos grandes proprietários -, hoje [década de 90] predomina uma nova realidade social, mais urbana, menos patrimonialista, mas que mantém certa ‘elitização’ da origem médica”, ou seja, os médicos dos anos 90 eram “filhos de uma seleta camada social bem posicionada na estrutura social”. Contudo, constata-se que as entrevistadas conseguiram sustentar o desejo de ser médica superando os entraves econômicos familiares e rompendo com valores de uma sociedade patriarcal, na qual predominavam os estereótipos de gênero, onde a profissão médica era predominantemente masculina, reservando à mulher outras profissões, como se verifica nas seguintes falas: “ Eu quando era pequena, nasci na roça, morava em uma fazenda aqui perto, então eu tinha muita vontade de estudar, era difícil, não tinha escola, era muito difícil. Mas então, resolvi fazer medicina. [...]. Eles (a família) se sacrificaram muito, mas deixaram. Papai ficou muito entusiasmado, ele queria que eu fizesse direito, mas eu falei não, eu quero fazer medicina” (E1). “[...] eles me deram todo o apoio [...]. Então meu pai se realizou um pouco em mim[...]. Me apoiaram, a ponto de meu pai me deixar estudar em Belo Horizonte um ano, fazer cursinho lá para poder passar no vestibular aqui [...] porque eu tinha feito magistério. Meu pai não deixava filha sair de casa [sem casar] (E2); “O meu pai ainda tinha muito aquela mentalidade que uma mulher deveria fazer um curso de formação para ser professora. A gente era considerado de uma cidade pequena e a maioria das mulheres saía para fazer um curso para professora. E, não desmerecendo a profissão [de médica], ele achava que era uma carreira menos sacrificada [para a mulher]” (E3). “Minha mãe apoiou. Para meu pai não fazia diferença, mas minha mãe apoiou. Porque minha família era pobre e eu achava que era algo longe. Era muito concorrido, quem fazia medicina era gente rica e aí eu achava muito longe esse sonho” (E4).

A feminização na medicina em Montes Claros

Poucas mulheres se graduavam em medicina nas décadas de 50, 60 e de 70, como se observa na fala das entrevistadas: “Agora preconceito assim, eu acho que não teve pelo fato de ser mulher, tinha pouca médica naquela época (E1). Na FAMED [2], em Montes claros, o mesmo fato se repete: “A medida que foram entrando mais mulheres, o negócio foi ficando mais tranquilo, né? A primeira tinha duas. A segunda tinha, se não me engano, três ou cinco... A terceira, sete e a minha [4a turma] eram treze [mulheres na graduação]. Entretanto, a despeito da feminização da medicina, houve a manutenção de alguns estereótipos sociais, que resultam em diferentes concepções e de experiências no contexto da formação e competência profissional de médicos e médicas (AVILA, 2014) como se observa na fala de E2: “Na Santa Casa os homens eram todos os

1. A pesquisa contou com uma bolsa de Iniciação científica financiada pela FAPEMIG, em 2016. 2. A Faculdade de Medicina do Norte de Minas – FAMED em Montes Claros, em 1963, em primeiro lugar, em 1963, deu início às suas atividades com a inauguração do curso médico em Montes Claros. Do total de 100 alunos matriculados, havia duas mulheres: Maria Clotilde Pereira e a irmã Maria Milena Vardes. (Santos, 2002). 3. “Mas aos poucos a gente está ascendendo. E hoje em dia, já tem muita gente fazendo medicina. Mas ainda assim, meio a meio, homens

homem.” (E2). “Não pode deixar a peteca cair, você tem que fazer de tudo por pessoal sentir que a gente tem um papel de peso.” (E1).



Conclusão/Conclusões/Considerações finais

O processo de profissionalização das médicas pioneiras em Montes Claros se deu de maneira heterogênea devido às particularidades de cada uma, ano de formatura e especialização médica. Entretanto, em comum a elas, pode-se evidenciar que apesar dos obstáculos socioeconômicos e dos estereótipos de gênero vigentes na época, que interferiam nos planos da vida pessoal e profissional das mulheres, as entrevistadas se tornaram profissionais reconhecidas por suas competências na área médica em Montes Claros, MG, e, por conseguinte, referências como mulheres que romperem barreiras para sustentar o desejo de serem médicas.

Agradecimentos

À FAPEMIG e à Unimontes pelo apoio à pesquisa através de Bolsas de Iniciação Científica concedidas em 2016.

Referências bibliográficas

ÁVILA, R. C. Formação das mulheres nas escolas de medicina. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v.38 n.1, jan./mar. 2014

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70. 2009.

MACHADO, MH., coord. Os médicos no Brasil: um retrato da realidade. [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 244 p. ISBN: 85-85471-05-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MAIA, C. J.; CORDEIRO, F. L. As faculdades da FUNM. In: CALEIRO, Regina Célia; PEREIRA, Laurindo Mékie. UNIMONTES: 40 anos de História. Montes Claros: Unimontes, 2002, p 49-106

MONTAGNER, Maria Inez; MONTAGNER, Miguel Ângelo. Mulheres e trajetórias na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: vozes singulares e imagens coletivas. Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 379-397, June 2010.

SCHEFFER, M. C.; CASSENTE, A. J. F. A feminização da medicina no Brasil. Rev. bioét., São Paulo, v. 21, n. 2, p. 268-277, mai./aug. 2013

SCHEFFER, M. (Coord.). Demografia Médica no Brasil 2018. São Paulo: Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP; Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo; Conselho Federal de Medicina, 2018, 286 p.

STARR, P. La transformación social de la medicina en los Estados Unidos de América. Trad. Agustín B. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.